ÍNDICE

PRÓLOGO 9

CAPÍTULOS I-XXXI 19

ANEXOS 225

I. MAPAS 227

II. PERÍODOS NA HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DA SUMÉRIA 230

III. GLOSSÁRIO 231

IV. PERSONAGENS DIVINAS, HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS 232

V. ALGUMA BIBLIOGRAFIA 235

AGRADECIMENTOS 239

PRÓLOGO

A história que se segue baseia-se num conjunto de plaquetas de argila cozida que me foi facultado por um velho e famoso professor de Assiriologia, entretanto falecido, e cujo nome, por razões que em breve se tornarão óbvias, me coíbo de mencionar.

Não era a primeira vez que ele me pedia ajuda. Eu era então um modesto estudante de pós-doutoramento em História e Arqueologia da Suméria, na Universidade de X, onde ele era pofessor emérito e uma verdadeira lenda no Departamento de História. Tanto assim, que da primeira vez que me abordou, me senti de tal forma lisonjeado que não me passou pela cabeça questionar o motivo por que ele recorria a mim, quando havia outros colegas mais experientes de quem podia valer-se.

Chamava-me ao gabinete e apresentava-me conjuntos de plaquetas sumérias quase sempre pouco interessantes. O que normalmente me solicitava era um parecer sobre a época a que pertenceriam e, se possível, uma tradução, já que a sua especialidade era a época babilónica, e os seus conhecimentos de língua suméria eram, segundo ele próprio admitia, limitados.

Mas ao terceiro ou quarto pedido, não pude deixar de me questionar. Até porque o meu orientador científico, quando lhe contei, abanou a cabeça e comentou laconicamente no seu inglês carregado de erres: «*I cannot agrree vith vot re is doing.*»

Foi então que a moral em que os meus pais me moldaram, e da qual ainda hoje é difícil libertar-me, começou a tornar-se embaraçosa. Eu sabia que desde a primeira derrota de Saddam Hussein em 1991, e sobretudo depois da invasão em 2003, o Iraque estava mais ou menos a saque. Escavações ilegais, pilhagem de sítios arqueológicos, até roubos de peças de museu, tudo se tornara banal. Também sabia que a comercialização de peças duvidosas seria muito menos rentável se a sua autenticidade não fosse avalizada por alguém com a autoridade do

velho professor. E comecei a sentir-me pouco à vontade no meu papel de cúmplice. Estava mesmo a tentar ganhar coragem para lhe dizer que não contasse mais comigo. Ele porém antecipou-se:

– Você deve perguntar-se de onde me vem todo este material, de que por vezes lhe mando umas amostras. Não quero que pense que há nisto seja o que for de ilegal, pelo menos da minha parte…

– Nunca tal me ocorreu – menti.

– Vêm ter comigo para avaliar e autenticar peças cuja proveniência eu apenas me escuso de indagar. E vou dizer-lhe porquê. Se não fosse eu a fazê-lo, outro o faria. E se ninguém o fizesse, aquelas peças atingiriam obscuras coleções ou transformar-se-iam em pisa-papéis de gente rica, sem que houvesse oportunidade sequer de as fotografar. Seria uma trágica perda para a ciência.

Aquela resposta tranquilizou-me, talvez porque estivesse ansioso por me deixar tranquilizar. Mas quando um dia lhe propus publicarmos em conjunto um trabalho sobre um par de plaquetas mais estimulantes, a resposta dele deixou-me muito zangado e prometi a mim mesmo cercear imediatamente aquela suposta colaboração, de que, ainda por cima, ele era o único beneficiário:

– Nem pensar, jovem. Sem poder certificar a origem e o destino do material, nem pensar…

Da vez seguinte, no entanto, voltei a fraquejar. Pela simples razão de que mal entrei no gabinete dele, antes de ter tempo de dizer alguma coisa, o meu olhar caiu sobre o conjunto de plaquetas dispostas numa caixa de cartão em cima da sua secretária.

*

Eram sete plaquetas pouco maiores do que a palma da minha mão, algumas quebradas, todas bastante danificadas e todas, menos uma, preenchidas dos dois lados. O que o professor queria de mim era que eu atribuísse àquele lote uma época, o que normalmente não seria difícil, e esboçasse uma interpretação, se possível, ou pelo menos escrevesse um comentário. Só que dessa vez fiquei baralhado: aquelas plaquetas eram diferentes de todas a que eu vira até então!

O que primeiro me saltou à vista, e depois confirmei quando pude examiná-las com mais cuidado, foi que, embora não sendo a escrita

ainda cuneiforme, apresentava já várias marcas com a peculiar forma de uma cunha, o que me acelerou desde logo o coração. Enquanto estas marcas, estes sinais de modernidade, poderiam fazer avançar a data das plaquetas para cerca de 3100 a. C., para o período conhecido por Uruk III (3100-2900 a. C.)[1], ao mesmo tempo contrastavam com características demasiado arcaicas para essa época, pois muitos dos símbolos eram pictogramas distribuídos por pequenos retângulos, como se fossem cenas, e grande parte fora desenhada ainda com a ponta de um estilete, em linhas curvas, sendo o objeto de cada símbolo quase sempre identificável. Isto remetia para o período anterior, Uruk IV (3300-3100 a. C.), ou seja, aqueles documentos de barro cozido juntavam características de duas épocas distintas.

Senti que o meu olhar atravessava milénios até ao estilete do inventor do cuneiforme. Excitadíssimo, peguei em mim e atrevi-me a ir bater à porta do professor sem lhe telefonar primeiro. E tive com ele a mais deprimente conversa da minha vida:

– Então?! – exclamou, escandalizado com a minha sem-cerimónia. – O que se passa?

– São as plaquetas, professor, não sei se se deu conta do que estava a entregar-me…

– Curiosas, de facto…

Disse ele e eu apercebi-me do cansaço que havia no seu semblante, na sua postura. Além da idade, era um homem que finalmente deixava transparecer a doença degenerativa que o atormentava. Talvez por isso aquele alheamento, aquele desinteresse. Não me deixei impressionar e prossegui:

– Curiosas, professor? Olhou bem para elas? São muito mais do que curiosas, são um tesouro, algo que não aparece em definitivamente décadas!

Pousei na mesa a plaqueta que trazia comigo e pus-me a apontar as originalidades.

– Não está a ver, professor? São como o elo perdido entre o proto-cuneiforme e o cuneiforme. Não é todos os dias que se tem à disposição uma preciosidade destas. Sabe ao menos dizer-me onde foram encontradas?

[1] Ver Anexo II.

– Tell Fara[2], segundo me disseram. Mas não exageremos, jovem, não exageremos… – disse ele, lenta e debilmente.

– Não estou a exagerar – exaltei-me –, não estou a exagerar nem um bocadinho. É um tesouro, e é nosso dever resgatá-lo para a ciência. Não será possível encontrar um comprador idóneo para elas, um museu, uma universidade?

Ele abanou a cabeça:

– Tanto quanto me disseram, já há comprador.

– Quem? – vociferei.

– Não sei… – rouquejou, e finalmente reagiu à minha agressividade: – Acho que deve moderar o seu tom…

– Moderar…? Moderar o tom?! – eu estava já meio descontrolado. – Isto é um crime, não percebe?! Perder este documento único para a compreensão do princípio da escrita! Acho que é nosso dever denunciar esta situação e não pactuar com ela…

– Nada a fazer, jovem – disse ele, procurando ainda um registo conciliatório –, e tranquilize-se, não há nada de ilegal nisto tudo. Quem me entregou as plaquetas é um antiquário idóneo e certificado.

Mas de repente, por entre a débil indignação que também transparecia, notei nele um certo e talvez justificado alarme, que o levou a acrescentar:

– E acho que devia entregar-me já as plaquetas…

– Vou fotografá-las e desenhá-las e depois trago-lhas.

– Pensava que já as tinha fotografado.

Saí e bati com a porta. Nessa tarde, fotografei as plaquetas de vários ângulos e com várias iluminações e demorei depois vários dias a copiá-las com todo o cuidado. Ele telefonava-me e eu dizia-lhe que esperasse, ao mesmo tempo que ia entrando em desespero. As ameaças dele cresciam de tom, mas eu não aceitava perder para sempre aquela preciosidade. Que fazer, que fazer?!

Ainda pensei em roubá-las, mas seria acusado de furto e dificilmente me serviria de defesa alegar que o fizera para preservar o conhecimento dos primórdios da História, património da Humanidade… Também concebi atirá-las à cara dele e vê-las partirem-se em mil bocadinhos. Poderia sempre alegar que tropeçara… Mas é claro que eu não fui capaz de tal sacrilégio…

[2] Nome moderno para o sítio arqueológico da antiga cidade de Xurupaque (ver Anexo I).

Em vez disso, devolvi-as inteiras, e foi a minha alma que ficou em cacos.

*

Quase entrei em depressão. Cheguei ao ponto de consultar um psiquiatra, mas concluí que não me curaria com as suas drogas. Tinha de ser eu a salvar-me, e a única maneira de o fazer era acreditar que as plaquetas não estavam irremediavelmente perdidas.

Estariam, sim, guardadas em segurança na vitrina de algum incógnito colecionador, ignorante do tesouro que adquirira… E talvez ele alguma vez viesse a precisar de dinheiro… Ou talvez morresse e os herdeiros não quisessem saber de antiguidades…

Desde então, não houve um dia em que eu não vasculhasse a internet à procura de anúncios de peças oriundas da Mesopotâmia, na esperança de reencontrar as «minhas» plaquetas – assim lhes continuo a chamar, com melancólica ternura…

Tornaram-se a minha obsessão. Passei as semanas, os meses, os anos seguintes, empregando todas as horas vagas – e por vezes tempo que devia destinar às minhas obrigações –, a estudar os registos que delas fizera. Só não abandonei o trabalho académico porque tinha de me sustentar e porque não imaginava quanto dinheiro me seria necessário no dia glorioso em que as plaquetas voltassem a emergir à luz do dia…

É que eu sabia bem o valor delas e, tal como eu, outros poderiam aperceber-se… A sua importância crescia cada vez que eu as estudava. Transcendia em muito a mera aparição prematura de símbolos cuneiformes. Desde logo, a quase completa ausência de números levou-me a suspeitar que não estaria perante um registo comercial, um recibo ou um inventário, como eram quase todos os documentos anteriores a 2600 a. C. E também não se tratava, isso era muito claro, de uma compilação de símbolos ou de exercícios de escola.

Mas se não era nada disso, então o que seria?

Uma ideia vinha-se aos poucos insinuando no meu espírito: e se eu estivesse em presença de um dos primeiros exemplares de verdadeira escrita, uma escrita que conseguisse já representar, não apenas números, objetos e criaturas concretas, mas também conceitos abstratos, ações humanas e divinas?

Era uma ideia no mínimo atrevida. Seria necessário que, séculos antes de a representação cuneiforme se ter generalizado, já símbolos fonéticos se tivessem sistematicamente intrometido entre os pictogramas, combinando-se para designar, não apenas nomes e objetos, mas também ações, atributos e até emoções! Uma parte de mim queria acreditar; a outra, mais académica e racional, recusava-se a fazê-lo.

A única maneira de decidir a questão era procurar no texto os fonemas e identificá-los. E para isso, para dar som aos símbolos, eu precisava primeiro de saber qual o idioma usado pelo escriba das plaquetas.

Comecei naturalmente por tentar a língua suméria, a língua dominante nos escritos dos séculos seguintes. Porém, as «minhas» plaquetas eram muito antigas, de uma época em que era incerto que os sumérios já tivessem chegado à Mesopotâmia. A língua podia ser outra, acádio, elamita ou até outra desconhecida, como o hipotético e controverso proto-eufrático...

Enfim, tive sorte. Escolhi o sumério e resultou. Após um laborioso e demorado processo, com muita tentativa e erro à mistura, fui descobrindo algumas sequências que pareciam fazer sentido.

*

Entre as primeiras frases que consegui decifrar, algumas diziam inequivocamente respeito a uma figura feminina, «… vencedora dos homens da montanha…» e «… senhora de Uruk das seiscentas ruas…»

A princípio, cuidei que se tratasse de *Inanna*, a Vénus dos sumérios, deusa do amor e da guerra, venerada em Uruk, então a maior cidade do mundo[3]. Mas um pouco adiante na mesma plaqueta encontrei:

«… construtora do templo de *Inanna*…»

Ora, a deusa não construiria o seu próprio templo. Isso seria sempre tarefa dos homens, que foram precisamente criados para servir os deuses. A figura feminina em questão teria sido portanto uma mulher de carne e osso, que teria vencido os homens da montanha, construído um templo a *Inanna* e finalmente dominado a cidade. A imaginação tomava conta de mim…

O nome da mulher, encontrei-o noutra plaqueta, muito danificada: «… Kulita [?]… filha do *ummia*…», ou seja, filha do mestre-escola. Surpreendeu-me tal nome, que eu desconhecia, e não me soou sumério nem semita. Aparece repetido três vezes naquela plaqueta:

[3] Uruk teria por essa altura mais de 50 000 habitantes [Algaze 2008].

«… Kulita… olhos de obsidiana…»
«… Kulita… garça…»
«… Kulita… de *Inanna*… olhar de fogo preto (?)… *Nin*…»

A palavra *Nin* foi fundamental para a tradução e compreensão do texto. *Nin* era a sacerdotisa principal, a que falava diretamente com a deusa e interpretava as suas vontades. Concluí pois que Kulita, a filha do mestre-escola, ascendera ao posto de *Nin*, o que me fez procurar a palavra *En* ou *Ensi*, o sumo sacerdote. Desconfiei que a *Nin* poderia não estar sozinha no serviço da deusa.

E de facto encontrei o *Ensi*, mas noutra plaqueta onde se relata a viagem deste para o Submundo, de onde não há retorno: «… o *Ensi* baixou às trevas e ninguém o acompanhou… a *Nin*… sozinha ao serviço da deusa… defender… lutar... os homens das montanhas…» E não encontrei outra menção ao *Ensi* em todo o texto. Ele deixava portanto esta mulher sozinha, no comando da cidade ameaçada pelos homens das montanhas… Estaria eu a ser levado pela fantasia?

Vieram-me à memória as mulheres fortes da história da Mesopotâmia. Recordei Kubaba, a taberneira que se tornou rainha de Kish, citada na Lista dos Reis Sumérios[4] e Enheduana (2285 a. C.-2250 a. C.), filha de Sargão da Acádia, *Nin* e poetisa. Evoquei Puabi (2600-2500 AEC), uma mulher semita que foi *Nin* da cidade suméria de Ur, e por fim Shammuramat (Semiramis) (809 a. C.-792 a. C.), histórica rainha da Assíria e lendária conquistadora…

A misteriosa Kulita precede-as muitos séculos. Precede mesmo os primeiros reis de Uruk, Enmerkar e Lugulbanda, e o heróico Gilgamesh[5]. Viveu num tempo que permanece obscuro, à míngua de fontes históricas. Um tempo em que ninguém sabe como eram a organização da cidade e o exercício do poder. Conjeturam uns que o poder residiria numa utópica e democrática assembleia de anciãos e homens livres. Outros, a maioria, preferem pensar que estaria nas mãos de um sumo sacerdote. Agora, eu encontrava uma sacerdotisa, uma mulher…

A plaqueta seguinte, talvez a mais bem conservada, mesmo assim muito lascada, relata vividamente a vitória sobre os homens da montanha:

«… *Inanna* de arco em punho…»,
«… dos terraços setas calhaus… cestos com serpentes…»

[4] Ver, por exemplo, Jacobsen, 1939.

[5] Herói da primeira epopeia que se conhece: a famosa Epopeia de Gilgamesh.

«… bois em fogo espezinhando os *martu* (?) encurralados(?) …»

Como controlar a imaginação? *Inanna* de arco em punho, é uma expressão que pode ser entendida em sentido figurado, mas também pode não ser. É sabido que pelo início da primavera, pelo festival da fertilidade, a *Nin* assumia ritualmente a identidade da deusa. E se o fazia ao menos uma vez por ano, é natural que se aproveitasse dessa sua capacidade para impressionar o povo noutras ocasiões. Consegue-se assim imaginar Kulita, a *Nin*, com as joias da deusa, ao lado do povo, lançando projéteis sobre os *martu* do alto das açoteias. A palavra *martu* não surge clara, mas também faz algum sentido, podendo ser identificada com os amorritas, homens das montanhas, tidos por selvagens e quase desumanos num poema sumério muito posterior[6].

Depois, entre este episódio e os seguintes, há um hiato que me parece longo no tempo e pode corresponder a plaquetas perdidas. Nota-se também uma mudança de timbre na narrativa, que de heroica se converte em trágica.

O episódio que a seguir consigo identificar é uma daquelas inundações catastróficas que periodicamente assolavam as cidades-estado da Mesopotâmia, uma das quais deu origem à lenda do dilúvio e de Ziusudra, o Noé sumério. O tom é semelhante ao que se encontra na Epopeia de Gilgamesh:

«… os deuses ordenaram a *Embilulu*[7]… o irado Buranum[8] apanhou o boi que pastava… alargou-se até ao horizonte… ondas castanhas subiram pelas ruas, pelas escadas… entraram pelas casas… *An* e *Inanna* de costas viradas… *Inanna* zangada com os homens…»

E termina:

«Uruk abandonada boiando sobre as águas…»

Quanto àquela que finalmente pude identificar como a última plaqueta, quase não tenho dúvidas. Relata a viagem da «… senhora de Uruk a caminho do reino das trevas…». Refere também pela primeira vez Zamug, um nome que é seguido pela palavra *jirikud*, que significa pé quebrado, ou talvez coxo. É este Zamug, o Coxo, quem assina o texto, à maneira de muitos documentos comerciais de épocas

[6] «O casamento de *Martu*» [Kramer, 1963].

[7] Deus dos rios.

[8] Rio Eufrates.

posteriores. Nas frases finais, ele abandona a cidade levando consigo «os ensinamentos de *Nisaba*[9]» que eu identifico, naturalmente, como sendo o segredo da escrita.

*

Eis o que, ao cabo de infinitas combinações silábicas e pictográficas, guiadas por uma importante componente de adivinhação e fantasia, consegui traduzir. Custou-me cinco anos de trabalho doentio em que flutuei entre o êxtase e o desespero. Por causa daquelas malfadadas plaquetas, passei a ter insónias e pesadelos como nunca tivera, pus de parte projetos e oportunidades de promoção profissional, e ganhei um mau feitio que me afastou de colegas e amigos. Por causa delas, transformei num deserto a minha vida afetiva. Valeu a pena?

Como posso duvidar? O texto daquelas plaquetas é um monumento tão importante como a famosa Epopeia de Gilgamesh, até hoje universalmente considerada a primeira obra literária da Humanidade. É mais modesta, decerto, muito mais, vale contudo pela antiguidade, já que foi escrita muitos séculos antes, não só da epopeia, mas do próprio reinado de Gilgamesh. O que eu tinha desvendado corrigia não apenas a história da escrita, como a história da própria literatura.

A minha tarefa, entretanto, terminara. Chegara a um ponto em que já não era capaz de extrair mais significado daquelas plaquetas, daqueles símbolos. Seria altura de passar a outros a informação para que me corrigissem, desafiassem, tivessem ideias que eu não tivera, descobrissem soluções que eu não soubera encontrar. Mas como?

Como atrever-me a publicar as minhas traduções fragmentárias de umas plaquetas desaparecidas, de proveniência e destino desconhecidos, e ainda por cima de uma incrível originalidade? Como publicar as fotografias que tirara, os desenhos que fizera, sem que pairasse a suspeita de falsificação?

Tornava o desespero. Não conseguia conceber que aquelas plaquetas, que eram finalmente o ansiado elo entre o proto-cuneiforme e a verdadeira escrita, ficassem para sempre na penumbra do esquecimento. Menos ainda me resignava à ideia de deixar enterrada no olvido a fabulosa história da enigmática Kulita, filha do mestre-escola, salvadora de Uruk, derrotada apenas pela cheia e pela peste…

[9] Deusa da sabedoria, escrita e colheitas. Patrona dos escribas.

Voltei a entrar em depressão e agora não tinha forma de me automedicar. Tornei ao psiquiatra, que já não se lembrava de mim e me receitou as mesmas drogas que me receitara cinco anos antes, drogas que voltei a despejar pela sanita. Regressei ao consultório para explicar que as deitara fora e precisava de nova receita… E desta vez teria ficado à mercê das drogas e dos médicos se não fosse ter-me surgido aquela ideia:

Um romance…

Um romance, sim, por amor dos deuses! Na verdade, não era sequer uma ideia inédita um académico escrever um romance histórico[10]. Alguns se serviram da ficção e da divulgação como trampolim para as suas carreiras. Claro que não era esse o meu intuito. Eu queria apenas salvar a pele, a pele de argila da minha alma, tatuada de símbolos…

E o resultado aí está, nas páginas que se seguem. Cabe ao leitor acreditar ou não nas plaquetas danificadas que lhe deram origem. E mesmo acreditando, estará no direito de se perguntar quanto do romance é fruto da minha imaginação e quanto estava já gravado no barro cozido…

Também eu gostava de saber.

Berlin, 2018

[10] Neste meu caso, seria um romance proto-histórico, uma vez que lida com a própria origem da História.

I

Na margem direita do Buranum está Uruk, das seiscentas ruas. Uruk, cuja fama se estende desde os pântanos até ao deserto e desde o rio caudaloso até aos cumes gelados que tocam o céu. Uruk, cujas caravanas repousam em Susa, para em seguida atravessarem as montanhas Zagros e as terras que ficam depois. Uruk, cujos mercadores se aventuram por trilhos até Mari e à Terra dos Cedros, cujos barcos se atrevem até Dilmun pelo rio sem margens. Uruk, a grande, a magnífica, célebre pelos seus festivais, pelos seus templos e pela rivalidade entre os seus poderosos deuses.

Foi este o lugar que *An,* deus do céu, encontrou para o seu povo, homens e mulheres que haveriam de o adorar e cuidar dele na terra. E foi um local esplêndido que o deus escolheu, onde o Buranum suavemente curva e suavemente enche os canais aquando do degelo nas longínquas montanhas e suavemente transborda, fertilizando os solos. E com naturalidade os homens aceitaram a escolha de *An.* Naquele lugar abençoado ergueram as primeiras cabanas de junco em redor de um altar singelo, e mais tarde construíram as suas casas de barro seco ao sol em torno de um templo majestoso, e estabeleceram com *An* a tácita aliança que um povo estabelece com o seu deus.

Já porém *Inanna*, filha entre os numerosos descendentes de *An,* cobiçara aquele mesmo local. Já antes ela seduzira e embriagara *Enki*[11] e lhe roubara os *Me*[12] que ele guardava a sete-chaves em Eridu[13,] para os trazer para Uruk e os conceder aos homens que cobiçava para si, naquela curva que o Buranum fazia no meio da terra fecunda.

---

[11] Deus da água, protetor da cidade de Eridu.

[12] Os *Me* eram os fundamentos divinos da sociedade, entidades abstratas como realeza, divindade, sabedoria, verdade, música, paz, ou a arte de metalurgia, por exemplo.

[13] Ver Anexos I e IV. Possivelmente a mais antiga cidade do Sul da Mesopotâmia.

E o povo de Uruk ficou dividido, indeciso entre tão poderosos deuses, receoso da sua ira, incapaz de os satisfazer a ambos. Então, *An,* carente de orações e oferendas, e seguro da sua razão, queixou-se à Assembleia dos Imortais.

Mas a Assembleia, na sua divina sabedoria, deliberou que em Uruk, das seiscentas ruas, das incontáveis tabernas e locandas, havia gente bastante para os dois magníficos deuses. E dividiu a cidade em duas povoações gémeas, tão iguais e tão diferentes. E a *An,* deus dos céus, foi atribuído Kulab, o bairro mais próximo do seu reino, no alto da colina subtil. Ao passo que *Inanna* ficou com Eanna, no lado onde *Utu*[14] se ergue, o bairro que se espraiava até ao Buranum tranquilo.

*

O olhar de *Utu* ensanguentou as águas do Buranum e alcançou a margem direita. Mas o deus não acordou completamente. A sua atenção dispersou-se pelo emaranhado das ruas, dividiu-se acompanhando os vendedores que subiam desde o porto apregoando água ou leite, a que se juntavam homens e mulheres que deixavam as suas casas e seguiam para os seus misteres nos celeiros, nas forjas e nas oficinas de tecelagem.

Turvo e distraído, o olhar de *Utu* não se deteve tão-pouco na escadaria do templo de *Inanna*, onde se cantavam já as primeiras preces e se preparava o desjejum da deusa, nem nos pátios interiores das casas que recendiam a lenha queimada e a pão, e onde se cuidava do desjejum dos homens. O olhar de *Utu* fixou-se mais longe, um pouco mais alto, no templo de *An,* em Kulab, até o incendiar num brilho cor-de-laranja.

Só então o deus decidiu bisbilhotar o que se passava nos pátios e parecia criar as suas próprias visões: o oleiro que preparava o seu barro, o cesteiro que escolhia o seu vime, o metalúrgico que avivava o seu lume.

E nenhum pátio estava mais animado do que o da *eduba*[15] das crianças que ali afluíam, algumas vindas de longe, de Kulab ou mesmo de alguma aldeia vizinha. Os rapazes entravam no pátio e calavam-se, como por milagre. Alguns teriam oito anos, outros teriam catorze, até quinze. Quem os recebia era um homem ainda jovem, cabeça rapa-

[14] Deus-sol, da justiça e da verdade. Irmão de *Inanna*.

[15] Escola. Literalmente casa *(e)* das plaquetas *(dub)*.

da, barba encaracolada, alto e de semblante severo. Era o assistente do *ummia*[16] e as crianças temiam-no. Chamavam-lhe Mão-de-Pau, porque ao menor deslize ele zurzia-os com uma caninha.

O assistente gostava daqueles momentos em que podia sentir-se o senhor da *eduba*. O *ummia* viria apenas mais tarde, quando os alunos já estivessem nos seus lugares, de plaquetas prontas e estiletes em punho. Entretanto, os alunos continuavam a chegar. Um a um, dirigiam-se ao caixotão que um escravo preparara, a buscar a sua porção de barro húmido. Com ela, moldavam a sua plaqueta, do tamanho da palma de uma mão, conforme tinham aprendido no próprio dia em que entraram para a *eduba*.

Eram momentos de inevitável confusão que só um Mão-de-Bronze, mais que de pau, poderia controlar. Assim pensava o assistente do *ummia* – ele sabia da alcunha –, mas nem assim conseguia ter olhos para tudo. Havia sempre qualquer coisa a acontecer nas suas costas.

Agora foi Zamug que se espalhou ao comprido. O assistente virou-se, mas tarde demais. Já não conseguiu distinguir o culpado e sabia bem que Zamug não acusaria nunca o autor da rasteira. Se fosse ele a mandar, Mão-de-Pau saberia o que fazer. Poria toda a gente de castigo, Zamug incluído, e num instante resolvia-se o problema. Lamentavelmente, o *ummia* era demasiado mole e não queria castigar os inocentes.

Isto enfurecia o Mão-de-Pau, sobretudo porque o caso estava sempre a repetir-se, o que não era bom para a disciplina e lhe causava uma desagradável sensação de impotência. Mas aprendera a conformar-se, porque não havia nada a fazer. Zamug era um alvo demasiado apetecível para todas as maldades, algumas cruéis. Desde logo, era dos mais pequenos e era coxo, mas isso, só por si, não explicava que fosse ele praticamente o único alvo dos seus atormentadores. Havia outro motivo.

Acontece que Zamug era brilhante, embora por vezes tentasse escondê-lo. Num ápice, aprendia de cor os provérbios e os *balbales*[17] e os símbolos, e nunca se enganava com a aritmética. Ao cabo de dois anos, estava naturalmente ao nível dos mais velhos e foi transferido para a turma do *ummia*, atraindo a inveja, quer dos da sua idade, que o consideravam um manteigueiro, quer dos mais adiantados, a quem ele passou a envergonhar.

[16] Mestre-escola.

[17] Lengalengas, narrativas orais.

Agora estava estatelado no chão e começava a levantar-se. Caíra desamparado, tentando em vão evitar que o barro ficasse inutilizado, e tinha-se magoado num cotovelo. Mas não se queixou. Por entre a dor que tardava em dissipar-se, ouvia os colegas rirem alarvemente. Então calaram-se, e não foi por causa dos berros nem da pancada do Mão-de-Pau.

Chegou o *ummia*, concluiu Zamug, mesmo sem o ver. Mas nem a chegada do *ummia* conseguia um silêncio tão abrupto. Normalmente, ele entrava, esperava que o barulho abrandasse, e seguia para o segundo pátio, acompanhado pelos rapazes mais velhos, e por Zamug. Este sacudiu a poeira da saia e finalmente virou-se para a porta da *eduba*, para onde todos estavam a olhar. E teve uma surpresa.

Não só o *ummia* não estava tão furioso quanto seria de esperar, como não estava sozinho. A seu lado, perfilava-se uma figurinha franzina, dir-se-ia insignificante, se não fosse pelo insólito que impunha àquele pequeno universo masculino. Era uma menina magrizela, de túnica colorida e cabelo apanhado numa longa trança negra, e não havia temor nem timidez na forma como enfrentava aqueles vinte pares de olhos que a miravam de alto a baixo. Os olhos dela, rasgados, como era raro numa suméria, irradiavam um brilho negro onde se misturava uma curiosidade divertida.

Então o momento de surpresa terminou e começaram os cochichos. Alguns dos rapazes conheciam-na de a ver na rua, e sabiam que era a filha do *ummia*.

– Meninos, a vossa atenção… – disse este, num tom estranho, surpreendente, que eles não conseguiram interpretar, mas que era tudo menos zangado. – Este é o vosso novo colega. Chama-se Kulita.

*

A princípio não sabiam lidar com ela. Para os mais novos, que eram a maioria, não passava de uma miúda como as irmãs deles, chatas, desinteressantes e inofensivas, exceto quando os denunciavam por alguma maroteira. Quanto aos mais velhos, começavam a interessar-se por miúdas, só que não tão miúdas como ela… De forma que, uns e outros, tentaram ignorá-la.

Mas Kulita era difícil de ignorar. Nos primeiros tempos, ficava no primeiro pátio, com os da idade dela, aprendendo a preparar o barro, as plaquetas, copiando desenhos de animais e outros símbolos, recitando orações e *balbales*, papagueando somas simples, aprendendo aquilo que no fundo já sabia. Foi o que rapidamente constatou o assistente do *ummia*, que por fim perguntou ao mestre porque não a acolhia ele na classe mais avançada, como já fizera com Zamug.

Os colegas levavam a mal aquela superioridade e começaram a tentar intimidá-la. Eram sorrisos e insultos. Acusavam-na de manteigueira, que ela não era, e chamavam-lhe *udul*[18], devido à forma do rosto e dos olhos, sem saberem que de facto a sua falecida mãe não era suméria.

Uma vez testaram-na enfiando-lhe uma lagartixa viva pelo pescoço. Kulita torceu-se, mas não se atemorizou. O pobre animal deslizou-lhe pela túnica e quando caiu ao chão, ela apanhou-o com a rapidez de um gato. Depois olhou em volta tentando adivinhar quem fora o engraçadinho e, como não tivesse a certeza, perseguiu o colega que mais alarvemente se ria e atirou-lhe o bicho à cara.

Zamug assistiu sem se rir. Para ele, ver os seus habituais atormentadores ocupados com outra vítima era uma agradável e bem-vinda diversão. Mas Zamug não acreditou que a sorte durasse. E tinha razão. Não só Kulita não se deixava intimidar, como em breve eram os valentões quem tinha medo dela, daqueles olhos hipnóticos que brilham fogo negro e sobretudo daquela língua afiada:

– Eu sei onde tu moras – dizia ela –, e a tua mãe não gostaria de saber que tu…

– Se não fosses filha do *ummia* – disse um dia o Cabeça-de-Porco.

– Sim, o meu pai é o *ummia*, mas não preciso dele para te furar os olhos com as unhas, se for preciso – fulminou ela –, ou as tripas com uma faca de bronze.

– Onde é que tu arranjas uma faca de bronze?

– O meu primo tem uma forja…

[18] Literalmente, pastor, em sumério. Mas estudos sugerem que a origem da palavra não seria suméria, mas da língua de um dos povos que povoaram a região antes da chegada dos sumérios [Kramer 1963]. A palavra *udul* é aqui usada para designar indivíduos de etnia não suméria, seja semita ou outra.

Tinha a resposta sempre pronta e deixava os interlocutores na defensiva. Talvez não tivessem verdadeiramente medo dela, tinham-lhe todavia respeito e evitavam provocá-la.

Não tardou entretanto que Kulita passasse finalmente a ir para o segundo pátio, onde o seu pai tentava fazer caber no crânio dos mais velhos listas de mercadorias e de profissões, multiplicações e divisões, medidas de comprimento e de volume, e métodos para calcular a área de uma figura irregular. Filha do papá, pensaram eles quando a viram acompanhá-los até ao segundo pátio e sentar-se na segunda fila de esteiras, tranquilamente, como se estivesse em casa a tomar o desjejum. Filha do papá, pensaram, mas não era verdade...

O *ummia* era um homem justo e gostava de parecê-lo. Quantas vezes não tinha ele hesitado em mudá-la de turma? Quantas vezes não tinha adiado transferi-la, apesar de o assistente lhe dizer que não tinha nada mais a ensinar-lhe? Ao mesmo tempo sentia dificuldade em disfarçar o orgulho quando a miúda, um palmo mais pequena do que os rapazes, oferecia voluntariamente a resposta que nenhum deles conseguira rapar dentro da cabeça.

É claro que eles não gostavam. Não lhes bastava o puto Zamug, agora tinham também de aturar aquele animalzinho exótico que tão facilmente aprendia o que tanto lhes custava a aprender, e recitava os longos *balbales* que eles tentavam decorar, como se os soubesse de nascença.

– Alguém tem a resposta? – perguntava o *ummia* à turma.

Um braço se levanta.

– Kulita, tu não… – dizia ele e, se mais ninguém se manifestava, virava-se para Zamug.

Este abanava a cabeça, exasperado por não conseguir tornar-se transparente, desaparecer.

– Não sei.

– Como não sabes?

– Não me lembro.

Outras vezes respondia errado, cometia erros de propósito, para atenuar aos colegas a vergonha. Ao contrário de Kulita, a sabedoria tinha para ele consequências nefastas.

*

Os mais frequentes agressores de Zamug nem sequer eram os rapazes mais adiantados. Os piores continuavam a ser os antigos colegas, sobretudo o Lingrinhas e o Cabeça-de-Porco, que nunca lhe perdoaram a promoção. Agora viam a miúda ser promovida também, e a inveja reavivou-se. Vingavam-se nele. Se a aula no primeiro pátio acabava mais cedo do que a outra e não estava combinado jogo no terreiro do mercado, ficavam à espera de Zamug, por vezes acompanhados de alguns colegas curiosos, na expetativa de uma laracha.

Ele bem tentava escapar. Saíam os mais velhos e tentava esconder-se atrás deles ou atrasar-se um pouco, a ver se o *ummia* também saía.

– De que estás à espera, rapaz?

Nada a fazer. Passava o primeiro pátio, que o assistente arrumava, e atravessava a porta com o coração pequenino, tentando adivinhar se estariam à sua espera e qual a crueldade que lhe teriam preparado.

Se os via, era certo e sabido que estava em apuros. Mesmo se os não via, tinha medo de virar cada esquina do caminho para casa, pois podia ocultar uma rasteira que o fizesse esparramar em excremento de burro. Outras vezes tinham companhia e organizavam com ele uma espécie de jogo, que já começava a ter regras, em que o empurravam entre si como se fosse uma bola. Ou intimidavam-no e obrigavam-no a ir insultar algum *udul* que vendia os seus produtos no terreiro da praça. Depois fugiam e deixavam-no exposto à ira do homem.

Kulita saía ao mesmo tempo que Zamug, e não podia deixar de assistir às tropelias que lhe infligiam. Ocasionalmente, detinha-se e observava sem intervir, mas quase sempre seguia diretamente para casa, que era ali ao lado, e não queria saber. Até que um dia ouviu chamar.

Era uma voz que suplicava por ajuda. Kulita saiu de novo de casa e foi ver o que se passava. Zamug estava sentado num muro alto que havia ao cimo da rua e não conseguia descer. Deviam tê-lo obrigado a subir por uma escada que depois removeram, deixando-o ali. E ele estava aflito, com medo que viessem o escuro e os seus demónios… E mais aflito ficou quando viu então Kulita retroceder como quem não quer saber… Preparava-se para voltar a pedir ajuda, mas ela já estava de volta arrastando uma escada.

– Tu não podes deixar que te façam isto… – disse ela, que já tinha recuperado o fôlego. – Não precisavas de ter subido.

– Batiam-me.

– E tu batias-lhes.

– Eles são mais fortes.

– A única maneira de os fazeres parar é lutares com eles.

Disse aquilo sem malícia, mas Zamug encolheu os ombros e desviou o olhar. Na voz dela até parecia possível… Mas que sabia ela? Fez um gesto de despedida com a mão e virou costas sem agradecer sequer, cheio de vergonha.